



O APRENDIZADO DA ESCRITA BRAILLE POR MEIO DOS DIZERES DA PESSOA COM CEGUEIRA ADVENTÍCIA NA FASE ADULTA

Ana Paula Boff – FURB

Resumo: O presente artigo é um estudo referente às possibilidades e desafios encontrados no processo de aprendizagem da escrita Braille, por pessoas com cegueira adventícia, ou seja, adquirida na fase adulta. Esta pesquisa objetivou compreender por meio dos dizeres dessas pessoas o processo de aprendizagem da escrita Braille. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista individual semiestruturada que foi realizada com três pessoas com cegueira adventícia, que perderam a visão na fase adulta. As análises foram realizadas a partir dos dizeres dos entrevistados e contou com o aporte teórico de Vygotski (1997). Ajudaram também na análise dos dados os estudiosos da área Ochaíta e Espinosa (2004), Kastrup (2007) e Sá e Simão (2010). Os resultados apontam que para a pessoa com cegueira adventícia, inicialmente o aprendizado da escrita Braille não é fácil, pois as habilidades táteis precisam ser estimuladas. No entanto, os entrevistados expõem que a partir desse aprendizado, tiveram autonomia e passaram a inserir-se em práticas de leitura e escrita.

Palavras-chave: Cegueira Adventícia. Processos de Aprender. Escrita Braille.

1. INTRODUÇÃO

Todo sujeito, independentemente de suas limitações, deficiências ou síndromes é capaz de desenvolver-se e aprender desde que sejam estimulados adequadamente e respeitadas suas limitações físicas e mentais. Nesse sentido, compreende-se que as interações sociais que possibilitam diálogo, trocas de experiências e a mediação de um sujeito mais experiente podem contribuir efetivamente na construção de aprendizagens e conceitos. Assim sendo, pessoas com cegueira podem apropriar-se dos conhecimentos sistematizados e elaborados socialmente bem como participar ativamente no meio social, desde que recebam os estímulos e orientações necessários ao seu desenvolvimento.

Os estudiosos Ochaíta e Espinosa (2004, p. 152) classificam a cegueira como “uma deficiência sensorial que se caracteriza pelo fato de que as pessoas que dela padecem têm seu sistema visual de coleta de informações total ou seriamente prejudicado.” A cegueira pode ser congênita ou adventícia, a cegueira congênita está relacionada à perda da visão nos primeiros anos de vida e a cegueira adquirida ou adventícia pode decorrer por causas orgânicas ou acidentais. (SÁ e SIMÃO, 2010).

A sociedade contemporânea é constantemente estimulada por recursos visuais, é impossível pensar nas relações sociais sem esses meios, pois a qualquer hora e lugar o

indivíduo é surpreendido com formas, cores e tamanhos que espontaneamente serão incorporados por ele. Porém, a pessoa com cegueira, necessita de outros estímulos, ou seja, meios para que as informações ao seu redor sejam compreendidas, mesmo a pessoa com cegueira adventícia na fase adulta que já possui memória visual, precisa estimular outros sentidos, tais como o tato e a audição, para poder conviver em sociedade. Nesse sentido, para Vygotski¹ (1997 *apud* KASTRUP, 2007, p. 70)

[...] a melhora no desempenho dos demais sentidos não é uma dádiva divina e nem pode ser explicada por uma reorganização fisiológica imediata, mas resulta de um processo de construção, em que ganham destaque vetores sociais e culturais, entre os quais se destaca a *linguagem*².

A pesquisa em questão baseou-se na aprendizagem do código Braille pela pessoa com cegueira adventícia na fase adulta, destacando que todos os sujeitos podem aprender uma nova escrita, no caso da pessoa com cegueira, essa aprendizagem será mediada principalmente por meios táteis e verbais. A partir do entendimento que todo indivíduo possui limitações, mas, é capaz de aprender e estabelecer relações sociais elaborou-se a seguinte problematização: Como se dá o processo de aprendizagem da escrita Braille pela pessoa com cegueira adventícia na fase adulta?

Dessa forma, o objetivo dessa investigação foi compreender o processo de aprendizagem da escrita Braille pela pessoa cegueira adventícia na fase adulta. Para a análise dessa aprendizagem, houve a necessidade de pesquisar indivíduos que perderam a visão ao longo da vida, para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, sendo utilizado como instrumento de coleta de dados a entrevista individual semiestruturada com três pessoas que perderam a visão na fase adulta.

Referindo-se a pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (1994, p. 47-51) apresentam as seguintes características:

Supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo [...] os investigadores qualitativos freqüentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente de ocorrência.

¹ Acordo semântico: tendo em vista as diferentes traduções do nome de Vigotski, em virtude da obra consultada, será utilizado nesse estudo **Vygotski**.

² Grifo nosso.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista individual semiestruturada. De acordo com Farr (1982 *apud* BAUER e GASKELL, 2000, p. 65) ela, é “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”. A entrevista semiestruturada possui um tópico-guia, que é elaborado pelo entrevistador; este consiste em um roteiro para organizar a entrevista, mas “[...] não é uma série extensa de perguntas específicas, mas ao contrário, um conjunto de títulos de parágrafos. Ele funciona como um lembrete para o entrevistador [...]” (BAUER e GASKELL, 2000, p. 68).

As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2011, após o convite e aceite, os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o termo de consentimento para a participação desse estudo.

O tópico-guia das entrevistas continha: 1) Por você já ser alfabetizado em Língua Portuguesa (língua escrita), quais as semelhanças e as diferenças em relação ao processo de aprendizagem da escrita Braille; 2) Aponte as possibilidades e os desafios encontrados nesse processo.

Vygotski (1997) foi o aporte teórico utilizado nesse estudo, visto que corrobora com a compreensão de que por meio da linguagem e das relações interpessoais a pessoa com cegueira pode criar mecanismos de compensação e participar ativamente no meio social. Os estudiosos, Ochaíta e Espinosa (2004), Kastrup (2007) e Sá e Simão (2010), que se dedicam às pesquisas envolvendo a pessoa com cegueira, contribuíram para as análises do processo de aprendizagem da escrita Braille da pessoa com cegueira adventícia na fase adulta, bem como os desafios e possibilidades proporcionados por esta aprendizagem.

2 CEGUEIRA ADVENTÍCIA: PROCESSOS DE APRENDER A ESCRITA BRAILLE

O Sistema Braille, criado por Luis Braille (1809-1852), é constituído por 64 sinais em relevo cuja combinação representa as letras do alfabeto, os números, as vogais acentuadas, a pontuação, as notas musicais, os símbolos matemáticos e outros sinais gráficos.

Para Ochaíta e Espinosa (2004, p. 165) “o sistema de lecto-escritura utilizado pelas pessoas cegas e por aquelas que têm deficiências visuais muito graves é o Braille. Trata-se de um sistema para ser explorado de forma tátil.” Os estudiosos complementam que “[...] a leitura, que se realiza sempre com o indicador da mão dominante, tem de ser feita letra por

letra, sem que possa haver saltos ou movimentos diagonais observados na leitura visual. (OCHAÍTA E ESPINOSA, 2004, p. 167).

Kastrup (2007, p. 5) corrobora com essa ideia, pois, para ela “o tato é considerado o sentido mais apropriado para fornecer as referências para deslocamento no espaço [...] e é por meio dele que a maior parte do conhecimento espacial deve ser reconstruída”. Segundo a autora o tato exige uma percepção proximal de contato. Assim sendo, o aprendizado desse código pode ser demasiadamente difícil, uma vez que utiliza apenas o tato e a sensibilidade para identificar os pontos.

Vygotski (1997, p.104) salienta que a cegueira pode ocasionar um sentimento de inferioridade e insegurança, mas é necessário que a pessoa cega conquiste novamente uma vida social,

La ceguera pone a su portador en una posición social particular y difícil. El sentimiento de inferioridad, la inseguridad y la debilidad surgen como resultado de la valoración que el ciego hace de suposición. Como reacción del aparato psíquico se desarrollan las tendencias a la super compensación. Están orientadas a la formación de una personalidad socialmente válida, a la conquista de una posición en la vida social. Están orientadas a la superación del conflicto social, la inestabilidad psicológica resultante del defecto físico. E nesto consiste la esencia del nuevo criterio.

A partir das considerações do autor, evidencia-se que para a pessoa cega, a participação, o envolvimento em sociedade e com outros indivíduos é fundamental para que, paulatinamente, essa condição possa ser superada. Especialmente a pessoa com cegueira adventícia, tende a isolar-se, reforçando o estigma da deficiência. Entende-se por cegueira adventícia, a perda da visão na infância, na adolescência, na fase adulta ou senil. As principais causas estão relacionadas a doenças infecciosas, e a traumas oculares. (SÁ E SIMÃO, 2010). Para as pessoas que possuíam a visão, mas, devido a um desses fatores, perderam-na, as habilidades e hábitos anteriormente automatizados reduzem-se, pois “a perda da visão, quando se instala, produz uma redução das ações automáticas e um aumento da participação da atenção nas mais simples tarefas da vida cotidiana” (KASTRUP, 2007, p. 70).

Diante do exposto, salienta-se que a questão orgânica, apesar de acompanhar o indivíduo, não é decisiva para o seu aprendizado e desenvolvimento. As pessoas cegas, especialmente as que perderam a visão na fase adulta, necessitam da relação com o outro e contam com a linguagem para participarem socialmente, visto que, por meio da linguagem elas podem superar a deficiência utilizando-se da compensação social. Nesse sentido, as fontes de compensação para o cego estão na linguagem e nas relações que ele estabelece no

meio social. (VYGOTSKI, 1997). Isso é possível através de experiências com videntes, ou seja, pessoas que não possuem alterações significativas de acuidade visual.

Indubitavelmente, as trocas interpessoais que respeitam e valorizam as potencialidades em detrimento ao “defeito” são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo enquanto sujeito cultural. Pois, conforme elucida Vygotski (1997, p. 134) “no sólo es importante saber qué enfermedad tiene una persona, sino también qué persona tiene determinada enfermedad. Lo mismo es posible com respecto a la insuficiência y a los defectos.” A partir das considerações do autor, compreende-se que as potencialidades do indivíduo devem ser priorizadas, neste sentido, deve-se olhar o sujeito que tem a deficiência e não a deficiência que tem o sujeito. Esse é o princípio básico para a construção de uma sociedade inclusiva que respeita as particularidades e capacidades de cada sujeito.

Outro aspecto fundamental para o desenvolvimento da pessoa cega é o aprendizado da escrita Braille, por meio desse saber, a pessoa com cegueira passa a ter autonomia e pode participar de práticas sociais envolvendo a leitura e a escrita. A utilização da linguagem oral, aliada ao aprendizado da leitura e escrita Braille, permitem que a pessoa com cegueira adventícia volte a participar ativamente da sociedade onde vive.

3 O PROCESSO DE APRENDER O SISTEMA BRAILLE: POSSIBILIDADES E DESAFIOS ENCONTRADOS PELA PESSOA COM CEGUEIRA ADVENTÍCIA

O indivíduo que perde a visão na adolescência, na fase adulta ou senil, já tem os conceitos e abstrações formadas, no entanto, a aceitação dessa nova condição visual é o primeiro obstáculo a ser superado, para Vygotski (1997) o principal conflito enfrentado pela pessoa com cegueira é a (re) inserção social. Nesse sentido, a linguagem, bem como as relações sociais são imprescindíveis para o desenvolvimento social e pessoal desse sujeito.

Assim sendo, uma das formas de estar inserido socialmente é por meio da leitura e escrita; para a pessoa com cegueira, isso é possível por meio do Braille, apropriar-se desse novo código é fundamental para que elas possam conduzir sua vida cotidiana com autonomia e independência. O Sistema Braille, possibilita a partir do seu aprendizado uma boa compreensão tanto da escrita, quanto da leitura. Para tanto, Sá e Simão (2010, p. 50) esclarecem que,

O Sistema Braille possibilita o contato direto com a grafia das palavras, a interação do leitor com o texto e contribui para a compreensão e para o uso correto das letras, dos acentos e da pontuação. Neste sentido, favorece o uso da escrita para a

comunicação, a organização pessoal, o entretenimento, a busca e o registro de informações de forma autônoma.

Para investigar como ocorre o processo de aprendizagem da escrita Braille pelas pessoas com cegueira adventícia, foram entrevistadas três pessoas adultas. Esses sujeitos em idade escolar foram alfabetizados em tinta (Língua Portuguesa), e em certo momento de suas vidas, perderam a visão. Buscou-se, portanto, compreender como foi a aprendizagem da escrita Braille e, quais os principais desafios enfrentados por esses sujeitos durante o processo³. Para a identificação dos entrevistados, foram utilizados os códigos A1, A2 e A3⁴.

As pessoas entrevistadas relataram como perderam a visão⁵ e expressaram suas dificuldades na aprendizagem tanto da escrita, quanto da leitura Braille, os desafios encontrados e suas expectativas para o futuro. A seguir, apresentam-se os tópicos-guias e as informações obtidas na entrevista.

Ao serem indagados a respeito de quais as semelhanças e diferenças entre o processo de alfabetização em tinta (Língua Portuguesa) em relação ao processo de aprendizagem da escrita Braille, A1 que é do sexo masculino, tem 63 anos e perdeu a visão com 28 anos de idade em um acidente com materiais químicos na empresa em que trabalhava, relatou que *“como comecei a estudar a escrita a tinta tinha que saber o que é o A, no Braille também foi assim, comecei do zero”*. Sob o comentário de A1 é possível inferir que, assim como no início do processo de alfabetização em tinta⁶ há a atribuição de sentidos, esquemas de interpretação, relação com as experiências passadas e conhecimentos prévios (SMOLKA, 1993), do mesmo modo, na escrita Braille o aprendizado partirá das vivências do sujeito e da sua capacidade de (re) organizar as habilidades cognitivas e sensoriais. A1 complementa que *“com a visão é mais fácil identificar os pontos.”* Nesse sentido, Ochaíta e Espinosa (2004) afirmam que a dificuldade inicial encontrada pela pessoa com cegueira para identificar os pontos por meio do Braille, ocorre, pois, essa identificação é feita apenas pelo tato. O indivíduo que perde a visão

³ Entende-se que a aprendizagem do sistema Braille (leitura e escrita) é um processo lento que está diretamente relacionado à dimensão psicológica e social da pessoa com cegueira.

⁴ Os códigos foram utilizados para garantir o anonimato dos entrevistados.

⁵ Compreende-se que para a pessoa que sofre algum acidente ou doença infecciosa que acarreta deficiência, no caso desse estudo, à deficiência visual, relembrar o ocorrido pode muitas vezes ser uma situação desconfortável, por este motivo, antes de iniciar a entrevista foi perguntado aos sujeitos se não haveria problemas em relembrar o assunto. Diante do aceite dos entrevistados em falar foi dado prosseguimento na conversa.

⁶ Refere-se à alfabetização na língua materna (Língua Portuguesa).

na fase adulta, precisa primeiramente estimular a percepção tátil, para posteriormente conseguir identificar os pontos.

Do mesmo modo, Kastrup (2007, p. 6) salienta que,

Por ser uma percepção de contato, o tato tem uma capacidade cognitiva geralmente intensificada por movimentos de exploração envolvendo dedos, mãos e braços [...] o tato fornece um conhecimento por partes, isto é, menos estruturado. Os movimentos de exploração são efetuados sucessivamente, o que confere ao conhecimento tátil um caráter seqüencial e uma apreensão da forma que é mais lenta que pela visão. [...]. Por esse motivo, o tato sobrecarrega a atenção e a memória de trabalho, pois requer operações cognitivas de integração e síntese para chegar a construir uma representação unificada do objeto.

A2 é do sexo feminino, tem 43 anos e perdeu a visão com 32 anos de idade por uma atrofia no nervo óptico. Referente ao primeiro tópico, respondeu que *“enfrentei muitos desafios, um deles foi aprender a escrita Braille, [...] achei que nunca iria aprender”*.

Já A3 é do sexo masculino, tem 62 anos e perdeu a visão com 46 anos de idade em um acidente de carro, comenta que *“no início não achei muito complicado, porque eu comecei gravar os pontos. Não encontrei muitas semelhanças, acho que é bem diferente, tanto na leitura como na escrita.”*

Essas dificuldades são encontradas pela pessoa cega que está aprendendo o Sistema Braille, pois conforme Sá e Simão (2010, p. 50) *“A compreensão do Código Braille envolve um conjunto de conhecimentos e a apropriação de conceitos espaciais e numéricos, discriminação tátil, destreza de manipulação e coordenação motora, dentre outros.”* Além disso, diferentemente da visão que possibilita uma percepção global, *“o tato fornece um conhecimento por partes, isto é, menos estruturado”*. (KASTRUP, 2007, p.6). No entanto, para a autora após a um processo de aprendizagem a pessoa com cegueira pode ter um reconhecimento tátil mais rápido e automatizado. A3 destaca que para aprender o código Braille começou inicialmente gravando os pontos e paulatinamente o dominou com mais rapidez. Por mais que a aprendizagem do Braille seja lenta e laboriosa, o tato pode atingir tarefas de reconhecimento fazendo com que a diferença entre tato e visão seja atenuada (KASTRUP, 2007).

O segundo tópico da entrevista pedia para que fossem apontadas as possibilidades e os desafios encontrados no processo de aprendizagem da escrita Braille. A1 relatou que *“ler o primeiro livro foi uma das melhores coisas”*. Percebe-se que para A1, o código Braille possibilitou novamente sua inserção na prática de leitura; a linguagem oral, assim como a escrita, auxiliaram-no no processo de compensação social. Nesse sentido, Vygostki (1997, p.

107) esclarece que “[...] la línea directriz en la psicología del ciego está orientada a la superación del defecto a través de su compensación social, a través de la incorporación a la experiência de los videntes, mediante el lenguaje. *La palabra vence a la ceguera*⁷”.

Apesar de a leitura constituir um grande avanço pessoal e social na vida de A1, ele destaca que demorou mais tempo para aprender a ler do que para escrever. Esta questão também foi destacada por Sá e Simão (2010), para os autores, a habilidade de leitura do Sistema Braille é complexa porque além de discriminação e refinamento do tato, exige posição dos dedos e coordenação bimanual.

A2 comentou que “*aprender o Braille foi bom, pois, posso ler o que eu quiser como as pessoas normais, mas de um jeito diferente. O desafio foi que eu tenho que estudar ainda mais, ler mais, ainda não terminei meus estudos*”.

A3 respondeu que “*depois de aprender a escrita Braille, as coisas ficaram mais fáceis para mim. Pois, me possibilitou fazer coisas novas, perdi o medo, de fazer muitas coisas. O maior desafio foi na leitura, ficava um pouco confuso entre um espaço e outro, não sabia se era outra letra ou uma nova palavra.*” A dificuldade encontrada por A3, já havia sido descrita por Ochaíta e Espinosa (2004, p. 166) “há determinados erros que, pelas próprias características do sistema, um leitor pode cometer ao ler o Braille. Assim, pode haver erros de identificação dos pontos, com a consequente fusão das letras.” Como o dedo indicador deve passar por cada letra, inicialmente esses problemas são encontrados, mas a medida que o leitor vai aprimorando suas habilidades táteis, a leitura passa a ser uma atividade mais simples.

Outro aspecto interessante levantado por A3, diz respeito às possibilidades proporcionadas pelo Sistema Braille, pois A3 revela que “*perdi o medo*”, entende-se que principalmente quando o indivíduo perde a visão sua auto-estima fica baixa, surgem os sentimentos de medo e insegurança, mas com o tempo e com as interações sociais, há o que Vygotski (1997) chama de compensação. Para A3, a compensação da sua deficiência deu-se a partir do aprendizado do Sistema Braille, visto que ele voltou a “*fazer coisas novas*”.

A partir do exposto, compreende-se que o processo de aprender a leitura e a escrita Braille, é inicialmente um desafio para a pessoa com cegueira, mas por meio deste aprendizado, abre-se a possibilidade para este indivíduo participar ativamente das práticas sociais. Conforme afirma Vygotski (1997, p. 112) “a educación debe convertir realmente al ciego en una persona normal, socialmente válida, y hacer desaparecer la palabra y el concepto

⁷ Grifo nosso.

de deficiente en lo que concierne al ciego.” Cabe ressaltar, a partir das considerações de Vygotski (1997), que a questão biológica não é determinante na vida do indivíduo, mas sim as relações que ele estabelece socialmente e as experiências que vivencia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Presenciam-se diariamente vários estímulos visuais, em propagandas, *outdoors*, panfletos, entre outros, esses recursos são manipulados e passados a diante com tamanha naturalidade que por vezes, são ignorados pelas pessoas videntes. Mas, em meio a uma sociedade movimentada pela mídia e materiais escritos, encontram-se as pessoas que por causas orgânicas (cegueira congênita) ou traumas oculares e acidentes (cegueira adventícia), não tem acesso visual a tais recursos. Além questão orgânica, essas pessoas acabam ficando à margem do meio social.

A leitura e a escrita estão presentes em todos os meios sociais e exercem influência na vida das pessoas. Mesmo os que nascem sem a visão ou perdem-na durante a vida, tem a possibilidade de estarem inseridos em práticas sociais de leitura e escrita por meio do Sistema Braille. Com esse entendimento, o objetivo dessa pesquisa foi compreender o processo de aprendizagem da escrita Braille pela pessoa com cegueira adventícia na fase adulta. Pois, a cegueira adventícia caracteriza-se pela perda da visão na infância, fase adulta ou senil, portanto, a pessoa que a possui, tem uma memória visual, construiu conceitos a partir de experiências visuais, enquanto era vidente e alfabetizou-se em tinta (Língua Portuguesa).

Por meio dos dizeres dos entrevistados compreendeu-se que para eles não há semelhanças entre o aprendizado da escrita em tinta (Língua Portuguesa) e o do Sistema Braille. Isso ocorre, pois, o Sistema Braille é um código complexo e específico, destinado às pessoas que não possuem a visão. Os entrevistados expressaram a dificuldade inicial em aprender o sistema Braille, especialmente no que se refere à questão da leitura, pois, segundo Sá e Simão (2010, p. 35) “enquanto o tato analisa as partes para configurar o todo, a visão é imediata, global e simultânea”. Sendo assim, o processo de leitura e reconhecimento dos pontos leva mais tempo e as informações chegam de forma limitada, pois a leitura é realizada por meio de movimentos táteis gradualmente, tornando esse processo sequencial e lento.

Mas, além das dificuldades, os entrevistados destacaram as possibilidades que foram oportunizadas por esse aprendizado. Poder ler novamente foi para A1, uma superação, observou-se também que para A2 e A3 o processo de aprender o Sistema Braille lhes possibilitou um avanço pessoal e social.

Dessa forma, destacam-se as contribuições das relações sociais e das trocas interpessoais por meio da leitura e da escrita para que a pessoa com cegueira adventícia na fase adulta consiga superar a questão biológica e criar meios de compensação para conduzir sua vida com autonomia e independência.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994.
- OCHAÍTA, Esperanza; ESPINOSA, Maria Ángeles. Desenvolvimento e intervenção educativa nas crianças cegas ou deficientes visuais. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro e PALACIOS, Jesús (orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais** 3. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KASTRUP, Virgínia. A invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual. In: **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 69-90, jun. 2007. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20080521171242.pdf>. Acesso: 15 mar 2012
- SÁ, Elizabet Dias de; SIMÃO, Valdirene Stiegler. Alunos com cegueira. In: **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira**. Celma dos Anjos Domingues et.al. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.v. 3.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 6. ed. São Paulo: Cortez, Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- VYGOTSKI, Lev Semiónovic. **Obras escogidas V: Fundamentos da defectología**. Madrid: Visor, 1997.